



A MATERIALIDADE SIGNIFICANTE DO MEME EM DIZERES SOBRE LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO DISCURSO DIGITAL

THE SIGNIFICANT MATERIALITY OF THE MEME IN STATEMENTS ON FREE SPEECH IN DIGITAL DISCOURSE

Arison Ledno Hora Figueiredo
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

José Magno de Sousa Vieira
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Resumo: O presente estudo objetiva compreender o funcionamento do discurso sobre a liberdade de expressão no discurso digital. Para o tal, mobilizaremos o conceito de implícito elaborado por Achard (1999), provocando um deslocamento para a noção de pré-construído de Pêcheux (2014), dialogando ainda com os postulados envoltos à memória discursiva (Pêcheux, 1999 e Orlandi, 2015). Em nosso gesto de leitura, retomaremos a discussão sobre como a memória, nas condições de produção do discurso sobre a liberdade de expressão, ativa certas regiões de sentido, em específico no digital. Para tal investida nos fundamentamos nas abordagens teóricas da análise de discurso materialista, campo de estudo desenvolvido por teóricos como Pêcheux, na França, e amplamente difundido no Brasil, por Orlandi. Nossa objeto de discurso é o meme, tomado pelo simbólico, em um discurso sobre a rede social X (antigo Twitter) em oposição às demais. A partir da análise do *corpus* foi possível compreender como a memória discursiva opera nas formulações, trazendo para a materialidade significante posta em análise o funcionamento da sedimentação do dizer a partir do modo como certos discursos são perpetuados e (re)significados por meio dela.

82

Palavras-chave: Discurso. Digital. Liberdade. Meme. Sentido.

Abstract: The present study aims to understand how the discourse on free speech functions in digital discourse. To achieve this end, we will mobilize the concept of implicit elaborated by Achard (1999), causing a shift towards the notion of pre-constructed by Pêcheux (2014), also dialoguing with the studies that revolve over discursive memory (Pêcheux, 1999 and Orlandi, 2015). In our reading gesture, we will resume the discussion about how memory, within the production conditions of the discourse on free speech, activates certain regions of meaning, specifically in the digital world. For this purpose, we based ourselves on the theoretical approaches of materialist discourse analysis, a field of study developed by theorists such as Pêcheux,



in France, and widely disseminated in Brazil, by Orlando. Our object of discourse is the meme, understood from the symbolic order, in a discourse about X social media (formerly Twitter) in opposition to the others. Through corpus analysis, it was possible to understand how discursive memory operates in formulations, bringing to the significant materiality put into analysis the functioning of the sedimentation of statements based on how certain discourses are perpetuated and (re)signified through it.

Keywords: Discourse. Digital. Freedom. Meme. Meaning.

Palavras iniciais

A internet conquistou o seu espaço como principal meio de divulgação de informações, comunicação e transmissão de dados na atualidade. As tecnologias desenvolvidas a partir desse contexto evoluíram rapidamente, o que possibilitou o deslocamento das práticas linguístico-discursivas para o digital, abrindo espaço para novos modos de reflexão sobre o funcionamento da língua. Nesse movimento acelerado, se estabelece a noção de que a internet é um lugar “livre e irrestrito” onde tudo se pode dizer, sob o hegemônico argumento da liberdade de expressão.

Em meio a essa confluência de informações surgiram os memes, tornados inconfundivelmente populares ao explorarem temas que vão do cotidiano ao polêmico, desdobrando sentidos outros pelo humor mordaz que por vezes soa ofensivo. O termo meme foi cunhado pelo etólogo Richard Dawkins em sua obra *O Gene Egoísta*, compreendido em sua gênese como uma unidade de transmissão cultural por meio de imitação (Dawkins, 2006).

A proposição de Dawkins abriu caminhos para que outros pesquisadores ressignificassem o termo e fizessem suas contribuições à concepção inicial. Blackmore (1999) e Shifman (2014) expandem a noção dos memes trazendo uma abordagem que os comprehende como agentes autônomos que disputam o poder de replicar certos comportamentos e instruções em seus hospedeiros (os seres humanos). Trata-se de uma espécie de assujeitamento que torna os sujeitos meros agentes replicadores de uma ideia/costume/prática que se projeta enquanto dominante, num processo que direciona o sujeito ao eixo de sua determinação como

83



repetidor de um sinal que advém da natureza que o chama a limitar-se, a subordinar-se enquanto humano e a limitar-se a receber a abstração do meme como se a ordem natural das coisas fosse, de fato, essa.

Em nosso trabalho, alinhados aos postulados teóricos da Análise de Discurso materialista, tomamos o meme como um objeto simbólico, múltiplo em sua natureza e perfeitamente passível de interpretação por meio de sua essência equívoca (Dias, 2018). Desse modo, nosso gesto de leitura lança mão da noção de memória discursiva (Pêcheux, 2014 e Orlandi, 2015) como fundamento da compreensão do funcionamento do meme enquanto operador de sentidos sobre a liberdade de expressão no digital, possibilitando que em nosso gesto de análise seja possível compreender sentidos que são apagados/silenciados e quais sentidos se sustentam como dominantes.

Assim, o meme enquanto materialidade significante que se constitui, e formula-se no digital, é marcado pelos mais diversos atravessamentos. Em nossa análise, procuramos discutir os sentidos à deriva, estes que não podem ser acessados fora da compreensão das suas condições de produção sócio-históricas e culturais específicas. Essa abertura do simbólico possibilita perceber que o espaço digital é igualmente marcado pelo equívoco, pela falha e pelas contradições que são constituintes do dizer.

Nesses termos, é preciso ir em busca do que falha no meme, nessa deriva condenada a se equivocar e a descontinuar o que nele pretende se encapsular. O meme, conforme estamos tentando compreender, opera em um lugar de enunciação, o digital, que discursiviza sentidos que escapam à tentativa de fundirem-se nele. Há uma ordem própria do meme que permite ao mesmo tempo a deriva e a sedimentação, o mesmo e o diferente. Esta ordem própria do meme a que buscamos lida de algum modo com a metáfora, haja vista que transfere para a imagem que dá ligação ao meme e à sua cadeia significante algo da ordem do simbólico. Nesse movimento, tensionamos no meme aquilo que ele aguça para provocar derivas ao perguntarmos sobre como se tece a textualidade da liberdade de expressão no discurso digital que abriga o meme.



Desse modo, nos interessa compreender o funcionamento do discurso sobre a liberdade de expressão, por meio do meme, no digital. Para tal, o nosso *corpus* é composto de memes postados por Elon Musk em seu perfil do X, diretamente relacionados a episódios que retomam a discussão sobre liberdade de expressão, para discutir seus efeitos de sentidos, as contradições e sua relação com a memória discursiva.

Delineando o *corpus* por meio da teoria

Para iniciar o percurso teórico que pavimentará o nosso gesto de interpretação almejamos mobilizar, para a constituição de nosso dispositivo teórico-analítico, o conceito de implícito, bem como as noções de memória discursiva e pré-construído, de modo a compreender o *corpus* por meio da teoria da Análise de Discurso (AD) materialista. Entendida como uma disciplina de entremeio, a AD trabalha nesse lugar entre a interpretação e a descrição (Pêcheux, 2015), num constante movimento de tensão que fornece ao analista o inquieto lugar de incisão dos processos de significação para seu trabalho.

A materialidade significante com a qual lidamos em nosso gesto não se deixa inscrever nem tampouco se esgota, o meme é demasiadamente efêmero para proclamar um lugar na história, entretanto o já-dito retorna por meio da paráfrase e do esquecimento, sem deixar de ser afetado por uma memória que o constitui e que faz com que as práticas da linguagem “funcionem”.

Pêcheux (1999, p. 50) enfatiza que a memória não deve ser entendida no “sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’ mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”, ou seja, o movimento provocado por ele aponta para sentidos muito mais amplos do que apenas a capacidade do sujeito em memorizar/repetir/parafrasear. Em tais termos, a memória resulta de todo um conjunto de saberes que se cristalizam no imaginário social por meio de práticas distintas. Entendemos por meio disso que, no que diz respeito ao tratamento do nosso *corpus*,



não há modo de compreender o funcionamento do(s) discurso(s) que atravessa(m) o mesmo senão por meio de uma memória que o significa, recobrindo-o de sentido(s).

Orlandi (2015, p. 28) nos mostra que a “memória também faz parte da produção do discurso”. É por meio da memória que certos sentidos são ativados, inscritos em um dado sítio de significação que também se relaciona com as condições de produção, não se limitando somente à uma mera rede de sentidos que são “resgatados” pelos sujeitos, sendo estes também responsáveis por significar (n)as práticas discursivas.

Desse modo, é possível perceber que o sentido não está alojado unicamente no texto, nas palavras, nas imagens, mas se constitui também na sua relação com a exterioridade, a saber, as condições de produção. Faz-se importante salientar que as condições de produção não são compreendidas em um sentido mais restrito, que indaga somente a respeito da situação e do contexto, uma vez que tal conduta implicaria numa visão micro para o problema. O panorama discursivo deve ser deslocado para as condições históricas, sociais e ideológicas que constituem e significam o dito.

Essas questões nos apontam para o que Achard (1999, p. 13, *grifos nossos*) comprehende como implícito:

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como *memorizado*, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua *(re)construção*, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por *paráfrase*.

Através da memória certos discursos ressurgem reconstruídos de diversas formas. Os já-ditos não cessam, a memória trabalha para que certos sentidos absorvidos e inscritos na história possam (re)significar de outro modo. O debate sobre a liberdade de expressão não é algo novo, mas o modo como ele é produzido no digital sim. A possibilidade de ressignificar o já-dito sob esse “vazio” é pressuposto a partir dos esquecimentos. Orlandi (2015) nos lembra que o esquecimento nº1 é de ordem ideológica, a nível do inconsciente afetado pelo trabalho de determinação ideológica, enquanto o esquecimento nº 2 é de ordem enunciativa, sustentado pela



ilusão referencial de que as formulações são únicas e não poderiam ser ditas de outra maneira.

A partir da noção estabelecida por Achard é possível remontar um percurso que se estende até Pêcheux, onde encontramos o conceito de pré-construído, explorado a partir da relação da memória com a materialidade discursiva.

Tocamos aqui um dos pontos de encontro com a questão da memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da *repetição* e da *regularização*: a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como *acontecimento a ler*, vem restabelecer os "implícitos" (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc. (Pêcheux, 1999, p. 52, *grifos nossos*)

Em seu movimento teórico Pêcheux produz um deslocamento da noção inicial de Achard, esse ponto de encontro da memória e da materialidade significante pode ser compreendido como o acontecimento discursivo – onde uma atualidade e uma memória se encontram (Pêcheux, 2015). Esse ponto faz emergir os pré-construídos, que se encontram na forma daquilo “[...] que todo mundo sabe, isto é, aos conteúdos de pensamento universal do ‘sujeito universal’ suporte da identificação e àquilo que todo mundo, em uma ‘situação’ dada, pode ser e entender, sob a forma das evidências do ‘contexto situacional’” (Pêcheux, 2014, p. 158). É a partir disso que entendemos o acontecimento a ler, que se apresenta já afetado pela opacidade da língua, pensado a partir desse lugar onde a história produz suas contradições e equívocos, reclamando sentidos nesse jogo de forças. É por meio dessa leitura que o sujeito imprime as marcas da ideologia que o assujeita e, mais especificamente, onde o meme se apresenta para produzir um efeito de verdade, uma vez que o real é inalcançável.

Não há sujeito que não seja afetado pela história e pelo inconsciente, sua natureza repartida está sempre vítima de um complexo ideológico pré-existente que o fornece a percepção material de sua realidade. Somos então tomados nesse meandro de forças que nos constituem. No digital, as questões do sentido retornam com a mesma urgência e as práticas discursivas nesse meio se inscrevem em espaços cada vez mais demarcados por tomadas de posição severas.



Nesse sentido, Vieira (2022, p. 21) sustenta que “[...] o significante que se formula na língua faz com que a história afete o sujeito de modo a impor a ele uma tomada de posição ideologicamente marcada. Tal posição é linguístico-histórica [...]”, retomando aquilo que Pêcheux (2014) aponta ao notar que os significantes não possuem sentido em si mesmos, mas têm seu sentido atribuído de acordo com as posições daqueles que os empregam. O meme busca desestabilizar a cadeia significante para lhe atribuir sentido(s) que provoquem o riso. Esse efeito é comum nas redes, onde o sentido é comumente deslocado para regiões de deriva. Nas sequências a seguir, foi pensado como essa posição afeta o dizer, o que está posto significa por meio de uma memória. Há um sentido ativado por certas regiões dela, mas que também não se dissociam de quem diz, na singularidade de cada sujeito em como este é afetado pela história e pela ideologia em um não cessar de produzir sentidos que se inscrevem a partir de sua posição.

88

A liberdade de expressão (re)textualizada no digital

Nosso *corpus* é constituído de dois memes recortados do perfil de Elon Musk na rede social X, em ambas as postagens são mobilizados sentidos em torno da discussão sobre liberdade de expressão. O ponto central de nossa reflexão é o funcionamento do discurso sobre a liberdade de expressão no digital, os efeitos de sentidos produzidos, pensados a partir de sua relação com a memória discursiva, a fim de desdobrar os possíveis pontos de deriva, onde o enunciado pode vir a tornar-se outro. Desse modo, buscamos relacionar o que está dito no digital com o que é dito de outro modo em outro(s) lugar(es).

Para prosseguir com a análise da melhor forma, desdobramos os memes em sequências discursivas e procuramos remontar, nos moldes pecheutianos, as condições de produção das formulações destacadas. Ao empregar essa abordagem nos apoiamos em Pêcheux (2015, p. 53) para quem: “toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação.”, nesse



entremos pretendemos desenvolver o nosso gesto de leitura, observando como o sentido se sedimenta e aponta para outras direções.

Figura 1 – Captura de tela do perfil @elonmusk



Fonte: @elonmusk no X

89

O nosso primeiro recorte contém um meme veiculado por Elon Musk em seu perfil na rede social X, empresa na qual ele ocupa a posição de atual CEO, onde temos as seguintes sequências discursivas: “*Não acredite apenas na minha palavra, pergunte ao Primeiro Ministro australiano*” /“*liberdade de expressão*” e “*verdade*”/“*propaganda*” e “*censura*”¹. No meme veiculado pelo bilionário é possível observar um padrão muito utilizado para representar a dualidade, a dificuldade de escolha entre dois caminhos, ou duas realidades distintas que são intrinsecamente opostas.

Pelo que se tece na língua, o funcionamento da ideologia se instaura no que se toma como **apenas**, esse advérbio que, ao mesmo tempo ameniza, desloca o sujeito para um lugar além da crença que acredite/acreditar aponta. Desse modo, há um sentido que “apenas” preenche mesmo que o advérbio não seja obrigatório pela língua no nível do sintagma, uma vez que, pela paráfrase, poderia ser dito: “**Não acredite [...] na minha palavra**”.²

¹ Tradução nossa.

² Tradução nossa.



Apenas desloca o sentido na formulação porque o sujeito que toma a posição no imperativo, ferramenta da língua da gramática, de dizer não dá a deixa para que não se acredite, ou seja, o outro está determinado por um Eu a **acreditar**, mas, como o sentido se sedimenta e prossegue, quem toma a posição para dizer da crença também diz do saber. O verbo “*take*” aqui empregado também corrobora com uma determinação do outro por um Eu no discurso, pois funciona nessa formulação com sentidos que evocam a ação de **tomar/pegar/tirar**. O outro, que aqui observa por meio da tela de seu dispositivo essa imagem, é interpelado por esse discurso de que deve acreditar em alguém. Dito de outro modo, afetado por essa materialidade significante e por sua própria determinação ideológica, o sujeito é instado a uma tomada de posição – que é inevitavelmente linguístico-histórica.

É preciso saber que o Primeiro Ministro diz algo e esse dito se coaduna com a palavra que, pelo esquecimento, Musk toma como palavra dele, essa “minha palavra” que se instaura na materialidade significante para levar a “verdade” para o lugar epistemológico. Para deslindar a verdade, eis a transferência, pela língua, retoma-se o discurso de autoridade que se liga ao Primeiro Ministro: “**pergunte ao Primeiro Ministro australiano**”³ e isso basta! Porque a língua, para quem assim se formula e se instaura, seria transparente.

90

Há ainda, a relação que leva **liberdade de expressão e verdade** para o mesmo sítio de significância como se ambas operassem sobre uma sinonímia perfeita. Como se quem “diz mentira” não o fizesse sob a égide da liberdade de expressão. O tensionamento que fazemos aqui intenta provocar a liga aparentemente estável que a formulação dá a liberdade de expressão e verdade por meio da associação desses dois termos. No caso, em tela é como se “liberdade de expressão” continuasse em “verdade”. A partir dessa relação de continuidade perfeita inscrita na materialidade significante se aloja o sentido de que a verdade é um fruto inevitável da liberdade de expressão.

³ Tradução nossa.



Existe, por parte de Musk, um esforço para colocar a sua rede social ao mesmo tempo em um lugar de oposição às demais e em relação à verdade, o que é corroborado pela textualidade que a imagem apresenta. O caminho turvo e tenebroso presente de um lado enquanto o caminho iluminado aponta para a sua rede social, um espaço destinado para as pessoas que desejam falar livremente o que pensam e se informar longe da mácula de qualquer viés ideológico, como se fosse possível ao sujeito desmembrar-se de uma posição ideológica e neutralizar-se em um lugar onde uma ideologia não o atravessasse e emanasse por meio dele, ou seja, pelo efeito eficaz da própria ideologia, o sujeito pensa ser alheio a essa questão incontornável de que não é possível dizer ‘fora de uma formação ideológica que o domine’. O X também marca um lugar central na imagem, onde a figura que se assemelha a uma criança se vê paralisada em meio a uma difícil escolha manifesta em seu caminho.

Um ponto a ser observado na imagem tem a ver com o imaginário de luz/clareza e trevas/escuridão. A luz do X apresenta a sedimentação da verdade como algo límpido e transparente. A língua da gramática limitada a um número “X” de caracteres, o dizer atrofiado em poucas palavras direcionaria melhor o sentido para um ponto “X”, tomado como claro e evidente, ao passo que a propaganda ilude, auxiliada pela nebulosidade da escuridão que caracteriza as trevas. No entanto, na própria imagem da “*free speech*” que se coloca em relação com a *truth*/verdade do “X” há a falha, pois o ícone da verdade que se sustenta sobre o termo verdade é “confinado” pela liberdade de expressão e pode desmoronar, uma vez que o castelo X está cercado por um abismo que se vê na textualidade da imagem, mas cujo caminho tem uma curva que direciona o sentido para o lugar da incompletude. Desse modo, o caminho não é uma linha reta, mas sinuosa que se encerra no abismo para continuar depois dele.

Na imagem não vemos/lemos o acesso em si, nosso olhar (nossa leitura) ‘trepida’ na não continuidade do caminho que vai “para a esquerda” e some. Assim sendo, a imagem falha incontornavelmente.

A figura da criança no centro, em um caminho que ‘sutilmente’ forma um X, a bifurcação perfeita que aponta para dois caminhos possíveis - a biunivocidade



textualizada em uma imagem. Nessa imagem a realidade parece dualizada, não há como escolher algo fora disso, ou você é a favor da liberdade de expressão ou é contra, ou você conta a verdade ou conta mentiras, ou você apoia o lado do “bem” ou se alia ao lado do “mal”. Não há espaço para contradições.

Entendemos a partir de Pêcheux (2014), que a memória opera nos sentidos entrecruzados das práticas sociais de diversas ordens, inscritas no imaginário coletivo. Temos a composição de um discurso que se situa para produzir um efeito de verdade por meio da repetição, discurso este idôneo capturador da ‘verdade’ e que, por tabela, é pró-liberdade de expressão. A composição imagética do meme coloca de um lado a **liberdade de expressão** e a **verdade** que somente a rede social X pode oferecer, em contraste a todas as outras principais redes, que nada oferecem além de **propaganda** e **censura**. Mais uma vez, pela língua, temos o termo aqui empregado “*propaganda*”, que desliza em seu sentido aparentemente límpido.

92

Apesar de ser um cognato e aparentar estar revestido da mais límpida transparência, em inglês essa palavra carrega sentidos muito ligados ao político. Em seu sentido mais amplo o termo se refere a informações, ideias, imagens e opiniões veiculadas com o intuito de influenciar a opinião pública, tal qual Musk faz em sua publicação. Dito de outro modo, a propaganda que ele faz em sua rede social não é uma propaganda, pois advoga a favor do direito à liberdade de expressão e da verdade, diferentemente das outras redes sociais que nada tem a ver com esta tomada como a ideal, pois servem apenas espalhar mentiras.

Esse distanciamento textualizado na imagem já produz sentido(s), o que fica se comprehende por meio dessa separação é que Musk quer colocar a sua rede em um local de destaque, demarcado por essa oposição às demais. Em outras palavras, sua rede social não é igual a todas as outras, já que não serve aos mesmos propósitos. Esse episódio nos mostra como é latente a disputa sobre a imagem.

Seus sentidos nos remetem à Lagazzi (2021), nos fazendo compreender a imagem como materialidade significante na qual se inscreve também no político, pautado em sua abertura social por meio do simbólico. Esse espaço é marcado por luta e por resistência, mediante a relação assimétrica e desproporcional da cadeia dos



sentidos. Haverá um sentido que se projeta como dominante, estabilizado por meio das práticas sociais e da memória, porém existirão também aqueles que “escapam” ao controle, mais uma vez coadunando ao fato de que “não há dominação sem resistência” (Pêcheux, 2014, p. 281).

Figura 2 – Captura de tela do perfil @elonmusk



Fonte: @elonmusk no X.

93

O recorte em questão traz a seguinte sequência discursiva: “Se você apoia o lado que censura a liberdade de expressão e fatos. Você não é lacrador ou progressista” /“Você é um tirano.”⁴. O dizer que aqui se inscreve joga mais uma vez com a ideia de que, ou você está do lado do “bem” ou você está do lado do “mal”. O imaginário da dualidade retorna por meio de outra materialidade significante. É importante destacar que nessa sequência a dualidade é colocada em jogo por meio do funcionamento da conjunção ‘if/se’ que demarca a existência de uma condição. A articulação do subjuntivo suscita a dúvida e, nesse enunciado, percebemos que esse dizer busca se regularizar, por meio de um efeito de equivalência, sugerindo que há apenas dois caminhos: ou você apoia a “liberdade de expressão” ou você é um tirano.

A palavra “*side/lado*” também provoca a ideia de que apenas um lado promove esse tipo de coisa. Temos: “Se você apoia o *lado*[...]⁵”, nota-se que a questão aqui não é se a censura é apoiada ou não, mas o lado que a promove, sugerindo que há lados que devem (ou não) ser apoiados, embora esse lado não seja explicitamente apontado pelo sujeito, ele se mostra posto na textualidade que lemos. Em outras

⁴ Tradução nossa.

⁵ Tradução nossa.



palavras, o lado que promove esse tipo de coisa certamente não é o lado do Eu que enuncia, mas o lado dos “tiranos”, daqueles que se situam do lado oposto. Assim como na SD anterior, há um Eu que insta o sujeito a tomar uma posição com base nos “fatos”.

Em um movimento similar à primeira figura, procura-se estabilizar um sentido aqui por meio da regularização do dizer. A natureza do meme propicia a sua reprodução em larga escala, e seus sentidos estão em um estado constante de ebulação. Ao discorrerem sobre o funcionamento do meme, Silva Filho e Tarini (2019) o comparam ao boato, onde há a exploração de um sítio de significância que flutua entre o dito e não-dito. Esse efeito produz nos sujeitos uma necessidade de “descobrir” os sentidos inscritos naquela materialidade específica, o afã de se manter atualizado gera atividade no digital.

Ocorre aqui mais uma vez a tentativa de estabelecer uma sinonímia perfeita com os termos “*free speech*/liberdade de expressão” e “*facts/fatos*”. Ao tensionarmos a liga aparentemente estável que desloca esses termos para a mesmo sítio, destacamos o sentido aqui inscrito de que somente a “liberdade de expressão” possibilita o acesso aos “fatos” e que sob nenhuma outra circunstância isso seria possível. Como se aquele que noticia esses fatos não o fizesse a partir de uma posição, determinada socio-historicamente e que por sua vez o afeta, produzindo a ilusão de ser ele a origem do seu dizer, quando na verdade mobiliza sentidos pré-existentes, permitindo a sua reinserção por meio de procedimentos parafrásticos.

Os fatos são uma construção, o acontecimento que se inscreve na história se dá a ler não somente por uma ótica, mas por várias, que se intercruzam e o constroem na/pela língua. A desproporcionalidade dos sentidos aqui implícitos é mascarada sob a aparência estável do dizer, que recobre os fatos e concede a eles uma nova tessitura, reconstruindo-os sob a pretensão da **liberdade de opressão**.

O emprego das palavras “*woke/lacrador*” e “*progressive/progressista*”, termos utilizados em inglês para se referir àqueles que se alinham politicamente mais à esquerda, nos apresentam uma identificação do sujeito, naquilo que Pêcheux (2014), como pontuamos acima, atribui ao fato do sujeito ser dominado pela formação



discursiva que o assujeita, esse processo se fundamenta nos elementos do interdiscurso e dos pré-construídos que produzem os traços determinantes da posição do sujeito, articulados sob a aparência de autonomia. Assim, entendemos que o sujeito é determinado pela ideologia que o interpela, gerando essa identificação no interior de sua formação discursiva.

Na língua inglesa, 'woke' é utilizado de forma pejorativa, cujos sentidos mobilizados na materialidade em análise evidenciam uma formação discursiva posicionada mais à direita. O uso desse sintagma busca produzir um efeito de encapsulamento, confinando um determinado grupo a uma posição contrária à da liberdade de expressão. A nível do que podemos observar na língua, a palavra *woke* deriva do verbo *wake*, que significa acordar, fornecendo sentido(s) de que as pessoas que se alinham à essa posição se preocupam com injustiças sociais no que diz respeito a questões de raça, gênero, opressão e desigualdade. Nesse sentido, essas pessoas seriam aquelas que de fato estão acordadas ouvindo os gritos das minorias que são diariamente esmagadas.

O dizer aqui formulado visa desqualificar aqueles que se opõem à sua posição. A figura do ladrador aqui construída seria a de um sujeito que apoia as ditaduras, os regimes totalitários e a tirania, esse deslocamento busca associar essas pessoas a um comportamento antidemocrático, destinando todos esses termos ao mesmo sítio de significação.

O que nos parece é que, mais uma vez retomada a dualidade, somente é possível se identificar com uma das duas opções disponíveis que se apresentam na imagem. Assim, a mesma memória que opera sentidos de luz e trevas na materialidade significante anterior reaparece aqui recoberta por uma nova textualidade que opera, na língua, por meio do funcionamento da conjunção *se*. A formulação induz o outro a uma tomada de posição, existe um *Eu* que interpela o *tu* a uma tomada de decisão. É possível observar no trajeto da imagem como esse imaginário de forças opostas, aqui reformulado, opera na materialidade.

Podemos observar na imagem que o texto está disposto em uma lousa, ao lado da figura de um sujeito de enunciação que, pela postura, vestes e demais atributos,



poderíamos ler alguém que apresenta credibilidade em uma formação imaginária que direciona o olhar para funções sociais como a de um professor⁶, em um ato que remete ao ensino, o esforço de mostrar e revelar a alguém uma realidade. Aqui a figura do professor é resgatada com o intuito de credibilizar o dito, como se evocasse um ato de ensino que busca a emancipação do outro através da democratização do conhecimento, dando-lhe a oportunidade de escolher a qual lado se aliará. No entanto, o sentido deriva para lugares que delineiam uma democracia fragilizada e que não aceita lados contrários, incapaz de dialogar com o diferente. O professor aponta a lousa e seu olhar nos encontra, em um movimento que diz: “Ou você apoia nosso lado ou você é um tirano!”⁷

O que há aqui é uma tentativa de manter o centro do sentido, preservando o significado literal da formulação e cerceando as suas margens, como se, pelo efeito de transparência da língua, o sentido ali fosse único. Percebemos nesse efeito parafrástico que busca manter as engrenagens do sentido mesmo, articulado de outra forma, porém, nosso olhar vacila e nos contempla com a equívocidade do texto, apontando-nos para a polissemia. Entendemos que em “certas condições de produção, há a dominância de um sentido possível sem com isso se perder o eco dos outros sentidos possíveis” (Orlandi, 1984, p. 20). A mesma autora (1996) também fundamenta que o texto, enquanto pensado discursivamente, é um espaço simbólico multidimensional. As associações nunca cessam, há sempre alteridade nos sentidos que não cessam de se mover, escapando ao sujeito que fala/falha. No digital esse efeito é ampliado pela participação dos usuários que, envoltos no fio condutor da memória que interpela esse(s) discurso(s), dão fôlego a novos efeitos parafrásticos.

Longe de ser apenas mais um instrumento de humor efêmero, a imagem se abre em seu potencial simbólico ao ser atravessada por uma memória que evoca

96

⁶ Originalmente trata-se da personagem Jim Halpert da série *The Office*, interpretada pelo ator John Krasinski. O fato de a textualidade da imagem possibilitar o deslizamento de sentidos é que permite a um desconhecedor da conjuntura da série apreender a ressignificação do/no meme e tomar a figura da personagem, frente a um quadro como a de um professor. Desse modo, o meme desloca sentido a partir de formações imaginárias com a do professor que já circulam e realocam o sentido.

⁷ Tradução nossa.



sentidos outros em seu bojo. Lagazzi (2020, p. 95) nos mostra que “A língua(gem) funcionando na história demanda os sujeitos em identificações que nunca se completam, constituídas por brechas simbólicas que permitem os vacilos, os chistes, os atos falhos, permitem que o sujeito seja pego pelos sentidos.”. É essa falha, essa brecha que nunca se fecha, que nos permite explorar com atenção e guiar o nosso olhar pela imagem, encontrando no visível o que está presente pela sua falta.

Entendemos que os sentidos mobilizados por Musk são frutos de um trabalho operado por meio do complexo das formações ideológicas, fornecendo evidências das significações para que a língua opere suas falhas pela aparência de sua transparência (Pechêux, 2014). Essa transparência aponta para os sentidos como se estes estivessem sempre lá, guardados por detrás do texto para serem “resgatados”, sempre existentes e límpidos, fixados no significante como uma espécie de etiqueta universal.

97

O discurso digital possui também a sua “forma material”, pensada a partir das condições de produção e do espaço de significação das práticas que se dão nesse espaço, destacamos aqui o que Dias (2018, p. 39) argumenta a respeito:

Diferentemente da forma empírica, a forma material coloca o sentido em relação com a memória, o sujeito e com as condições de produção, possibilitando compreender o processo de produção dos sentidos, a significação material do discurso nos dizeres e objetos que compõem o nosso cotidiano.

Esse caráter material conferido ao sentido nos situa no interior das forças sociais, ideológicas, históricas e políticas que o produzem, pois o coloca frente aos seus equívocos, possibilitando assim que sejam observados os deslizamentos nesse processo. A internet se tornou um lugar de enunciação heterogêneo, constituído de atravessamentos pelas mais diversas formações discursivas que ali circulam, tornando quase sinestésica a sedimentação dos sentidos de liberdade de expressão.

É difícil pensar, a partir da ótica da sociedade capitalista em que vivemos, em um exemplo mais contraditório do que um bilionário, muito bem assegurado de sua



posição sócio-histórica dominante, utilizar da sua própria rede social para fazer uma postagem sobre como somente a sua rede é capaz de produzir “verdades”.

Considerações Finais

O meme possui uma natureza jocosa particular, no entanto, esse tom de irreverência por vezes é tomado de forma irresponsável e agressiva. Por meio de nosso gesto de análise foi possível observar que o sentido de liberdade de expressão mobilizado por Musk se alinha, com uma tendência muito forte, ao totalitarismo de uma liberdade “irrestrita”. No entanto, observamos que os sujeitos que podem operacionalizar essa “verdade” não são todos, já que o lugar adequado para isso é a sua rede social. A figura do X se apresenta ainda mais opaca do que antes, embora por esse gesto tenhamos conseguido desnaturalizar alguns de seus sentidos.

98

A análise aqui empreendida não esgota as possibilidades de exploração do tema, dadas as limitações do estudo. As reflexões aqui desenvolvidas apontam para diversos caminhos no que diz respeito à compreensão do(s) sentido(s) mobilizados sobre liberdade de expressão no digital. Os discursos sempre emergem de outra forma, com uma nova textualidade, recobertos por tantos outros adereços a fim de “amenizar” sua aparência. Os mecanismos parafrásticos não cessam de operar os pré-construídos nesse jogo de sentidos. Em nosso percurso foi possível também perceber o papel de resistência da imagem nesse campo de disputas que atravessa o digital.

Por meio da ação da memória, compreendemos como certos sentidos são ativados e outros silenciados, tendo em vista as condições sócio-históricas e ideológicas de produção do discurso. O meme, enquanto materialidade significante, demonstra ser um veículo potente para a circulação e transformação de sentidos, sendo constituídos por diversas camadas de significação.

Os conceitos mobilizados nos permitiram compreender, por meio desse batimento, a complexidade dos desdobramentos da materialidade na produção de sentidos. Nosso gesto exemplifica como a internet, concebida como um espaço



heterogêneo de produção discursiva, é marcada por equívocos, falhas e contradições inerentes ao dizer. Nesse contexto, o meme atua como um operador simbólico que tanto espelha quanto molda as percepções de liberdade de expressão no digital. A liberdade de Musk não é mais que uma cortina de fumaça para esconder interesses maiores da classe dominante.

O meme, ao mobilizar sentidos preexistentes e promover novas sedimentações do dizer, desempenha um papel crucial na construção e desconstrução de discursos sobre a liberdade de expressão no digital. A abordagem discursiva aqui empregada para compreender as dinâmicas de produção e circulação de sentidos no digital nos oferece um lugar privilegiado para explorar como os sentidos são formulados, deslocados e disputados no tecido digital que recobre nossa sociedade contemporânea.

99

Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

LAGAZZI, S. A imagem em sua potência de captura simbólica. **Forum lingüístic**. Florianópolis, v.18, número especial, p.5890-5902, jun. 2021.

LAGAZZI, S. A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. In: FARIA, J. P. de; SANTANA, J. C.; NOGUEIRA, L. (org.). **Linguagem, arte e o político**. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-102.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 12^a ed. São Paulo: Pontes. 2015.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

LINGUAJARA – Revista de Estudos Linguísticos e Literários da Região dos Guajajara, Barra do Corda – MA, v.01, n.01, p- 82- 100, jul. 2025.



ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? In: **Lingüística: Questões e Controvérsias**. Uberaba, n. 10, 1984, p. 9-26.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Bras. 7^a ed. São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 5^a ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

SHIFMAN, Limor. **Memes in a Digital Culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SILVA FILHO, M. N; TARINI, A. M. F. L. Memes em grupos de facebook: Efeitos de sentido em postagens na internet. **Percursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 9 nº 22, 2019. p. 85-100.

100

VIEIRA, J. M. S. **Cidade entre rios, cidade inter pontes**: O discurso sobre as formações imaginárias de Teresina. Tese de Doutorado. Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres/MT, 181p. 2022.